

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



O MOVIMENTO NEGRO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO SISTEMA DE COTAS RACIAIS

Nádia Amaro do Carmo¹

RESUMO: O presente texto visa realizar uma reflexão sobre a história do Movimento Negro e suas contribuições para a implementação do Sistema de Cotas, como medida de urgência para viabilizar o acesso da população negra ao Ensino Superior. O estudo teórico do movimento em questão envolve o/a negro/a no período de colonização e pós - abolição, além de trazer a breve discussão acerca do Mito da Democracia Racial que foi defendida por alguns estudiosos. O trabalho se estrutura metodologicamente por meio de uma pesquisa bibliográfica, com a utilização de artigos, livros e documentos disponíveis na internet. O objetivo geral deste artigo diz respeito a apreensão de conhecimento em relação ao Movimento Negro e sua importância para o entendimento das cotas raciais.

PALAVRAS – CHAVE: Negros. Movimento Negro. Sistema de Cotas.

INTRODUÇÃO: O objetivo deste trabalho é analisar por meio de uma pesquisa bibliográfica como se deu a trajetória do Movimento Negro no Brasil e quais as suas contribuições para as discussões sobre o Sistema de Cotas e implementação da mesma. O Movimento Negro se estrutura desde o período colonial com as organizações nos quilombos até o surgimento dos primeiros movimentos em prol da população negra de forma institucionalizada. É, extremamente, importante a realização de um estudo acerca do Movimento Negro e das Cotas Raciais, uma vez que, ainda existe um tabu em torno das mesmas, haja vista que, esta é entendida por muitos como um sistema que visa privilegiar o/a negro/a, quando na verdade é uma medida emergencial que possibilita a curto prazo igualdade de condições para o acesso ao ensino superior.

1. NEGROS NO BRASIL: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

¹ Graduanda no curso de Serviço Social – Bacharelado da Faculdade Maurício de Nassau/Fortaleza. E-mail: nadiamaro2014@gmail.com

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Com a “descoberta” do Brasil, inicia – se a exploração da terra, simultaneamente, ocorre o aparecimento dos negros. Aproximadamente dois séculos os negros escravizados se concentravam no plantio de cana-de-açúcar, destacando como maior área de aglomeração dos mesmos a Região do Nordeste brasileiro. Vale ressaltar que o Brasil enquanto país latino – americano, foi uma nação cabalmente escravagista, sendo a última a abolir a condição de escravo do/a negro/a. (NASCIMENTO, 2017)

A gênese das relações entre o Brasil e a África se dão mediante a maior organização das plantações de cana - de – açúcar, após o ano de 1550. Conforme Saraiva (1993), foi a partir desta fase embrionária que ocorreu a unção e a separação do continente africano com o Brasil, em detrimento dos valores de sentidos opostos das contribuições do continente africano a cultura brasileira.

No século XVI ocorreu a implantação do sistema *plantation* no Brasil, este que era responsável pela produção de açúcar e a África que por sua vez “produzia” a força de trabalho. No entanto, a partir do século XVIII muda – se o foco das produções para a região sul, em decorrência das descobertas do ouro e do diamante em Minas Gerais. Esse desfoque se repetirá, posteriormente, com a ascensão da plantação cafeeira. Logo:

É quase impossível estimar o número de escravos entrados no país. Isto não só por causa da ausência de estatísticas merecedoras de crédito, mas, principalmente, consequência da lamentável Circular n. 29, de 13 de maio de 1891, assinada pelo ministro das Finanças, Rui Barbosa, a qual ordenou a destruição pelo fogo de todos os documentos históricos e arquivos relacionados com o comércio de escravos e escravidão geral. As estimativas são, por isso, de credibilidade duvidosa. (NASCIMENTO, 2017, p. 58)

Nascimento ressalta que sem o/a escravo/a à estrutura econômica brasileira seria inexistente, isto porquê, o negro escravizado era o responsável pela estrutura econômica

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



naquela época, além disso, o “seu trabalho era a espinha dorsal daquela colônia” (NASCIMENTO, 2017, p. 59). Dito isto, cabe salientar, que conforme o autor referido, são realizadas distorções da realidade com vistas a ocultar a ideologia imperialista. Realidade esta que se estende até os dias de hoje, principalmente, em se tratando da “falsificação dos fatos históricos”. (Nascimento, 2017)

Essa inflexão dos fatos e história a respeito do negro, acarreta no que hoje se diz haver no Brasil a **democracia racial** (grifo nosso) o que para Abdias Nascimento (2017) é considerado um mito, haja vista que, existem autores que se dizem contrários ao conceito de racismo em detrimento do pensamento de que:

No que diz respeito à dimensão histórica, parece existir um certo sentimento de inferioridade que é africano. Por isso não é possível apresentar um texto histórico correndo paralelo aqueles de países ocidentais. (VALLADARES apud NASCIMENTO, 2017, p.61).

O que se quer dizer com esta fala é que o próprio negro se inferioriza, isto é, a questão diz respeito ao que o mesmo sente em relação a si próprio. Não se pode, portanto, esquecer o papel desempenhado pela Igreja, uma vez que, a mesma exerceu uma função ativa na colonização da África, mediante atuação de seus missionários. Segundo Abdias Nascimento (2017, p. 63):

O cristianismo, em qualquer das suas formas, não constituiu outra coisa que aceitação, justificação e elogio da instituição escravocrata, como toda sua inerente brutalidade e desumanização dos africanos.

Essa questão, ocasiona, ainda uma crença de atuação humanizadora do catolicismo afim de eximir suas pautas na ideologia racista. No entanto, a mesma se portava de modo a expressar justificativas ao escravagismo. Além de propagar a ideia de que as águas do batismo proporcionariam a limpeza do negro, bem como a mudança de sua cor. (NASCIMENTO, 2017).

Para além das posições citadas anteriormente acerca do mito da democracia racial, existe outra que, se coloca de modo “açucarado” na tentativa de comprovar que os traços da cultura

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
 desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
 (Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



africana no Brasil se deram de forma amigável entre escravos e seus senhores, tendo como prova efetiva desta relação, as músicas, danças, religiões, linguagem entre outros. (NASCIMENTO, 2017).

Faz – se importante salientar que frente ao processo de escravização dos negros, os mesmos tomaram várias posições diretas e indiretas com o intuito de enfrentar a colonização. As ações se davam por meio de fugas, revoltas e/ou negociações para obtenção da carta de alforria e a formação de quilombos². Estes que foram considerados por estudiosos como a exteriorização mais significativa da persistência negra. (CHAVES, 2010).

Houveram diversos quilombos no Brasil. Abdias Nascimento (2017), destaca em seu livro “O Genocídio do Negro Brasileiro” a excepcionalidade do Quilombo dos Palmares, no qual chegou a “abrigar” mais de vinte mil pessoas, com um sistema produtivo de trocas organizado, bem como, uma larga capacidade de liderança política e militar. Segundo o autor “Palmares significa principalmente o grito desesperado dos africanos contra a desintegração da sua cultura nas estranhas terras do Mundo Novo”. (NASCIMENTO, 2017, p.72).

Nesse sentido, a reflexão sobre a posição dos/as negros/as frente as condições que lhes eram impostas se exprime de forma essencial, tendo em conta que, esta foi responsável pelo desenvolvimento da chamada “resistência negra” e das primeiras manifestações dos cativos em busca de melhorias, posteriormente, de abolição da escravidão.

2 - O MOVIMENTO NEGRO

Tendo em vista a breve explanação do período colonial brasileiro, tal como das primeiras manifestações negras no país, Domingues (2006, p. 101) define como Movimento Negro:

² Localidade povoada por negros que haviam fugido do cativeiro, sendo dividida e organizada internamente; geralmente, também havia índios ou brancos.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



A luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural.

Tal movimento se organizava como visto anteriormente desde a colônia, no entanto, após a Abolição da Escravatura em 1888 e Proclamação da República no ano seguinte é notório ver a maior estruturação destes movimentos objetivando melhores condições de vida para a população negra, esta que foi marginalizada neste processo de passagem do sistema de servidão para República. (DOMINGUES, 2006)

O autor divide o movimento negro organizado na república em três fases. A primeira data de 1889 a 1937 (Estado Novo) onde em decorrência da criminalização dos libertos, ex – escravos e descendentes é criado o Movimento de Mobilização Racial Negra no Brasil, trazendo no ano de 1931 o grupo político Frente Negra Brasileira, posteriormente, transformado em partido político com ramificações em todo território nacional. (DOMINGUES, 2006).

A segunda fase ocorre de 1945 a 1964 no início do período de Ditadura Militar, que causou o arrefecimento do movimento, embora, algumas dessas associações não tenham parado suas atividades, o movimento negro ficou “abandonado” durante muito tempo, em circunstância da forte repressão. Apesar disso a associação União dos Homens de Cor (UHC) e o Teatro Experimental do Negro (TEN) ganharam grande visibilidade naquela época. (DOMINGUES, 2006)

A terceira fase acontece de 1978 a 2000 e diz respeito ao processo de redemocratização do país, nesta fase após a desarticulação do movimento negro, houveram fortes acusações de que o negro trazia o racismo para o Brasil. Em meados dos anos 1980 o movimento começa a se reorganizar devido a ascensão dos movimentos sociais, esse processo ocorreu de duas formas:

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



No **plano externo**, o protesto negro contemporâneo se inspirou, de um lado, na luta a favor dos direitos civis dos negros estadunidenses, onde se projetaram lideranças como Martin Luther King, Malcon X e organizações negras marxistas, como os Panteras Negras, e, de outro, nos movimentos de libertação dos países africanos, sobretudo de língua portuguesa, como Guiné Bissau, Moçambique e Angola. Tais influências externas contribuíram para o Movimento Negro Unificado ter assumido um discurso radicalizado contra a discriminação racial.

No **plano interno**, o embrião do Movimento Negro Unificado foi a organização marxista, de orientação trotskista, Convergência Socialista. Ela foi a escola de formação política e ideológica de várias lideranças importantes dessa nova fase do movimento negro. Havia, na Convergência Socialista, um grupo de militantes negros que entendia que a luta anti-racista tinha que ser combinada com a luta revolucionária anticapitalista. Na concepção desses militantes, o capitalismo era o sistema que alimentava e se beneficiava do racismo; assim, só com a derrubada desse sistema e a consequente construção de uma sociedade igualitária era possível superar o racismo. (DOMINGUES, 2006, p. 112).

No ano de 1978, é elaborado o estatuto do Movimento Negro, a Carta de Princípios e o Programa de Ação, programa este que se posicionava em favor da descaracterização da democracia racial; organização da população negra; combate ao preconceito, além da organização de enfrentamento da violência policial. (DOMINGUES, 2006).

Em concordância com Gomes (2012) até o ano de 1980 a luta do movimento concernente a educação era embasada em concepções universalistas, entretanto, ao notar que as políticas não atendiam as grandes massas da população negra, os posicionamentos começaram a ser modificados. Acarretando numa maior aproximação com a pauta das políticas afirmativas, passando a posteriori a ser demandada oficialmente, sobretudo, no que diz respeito ao sistema de cotas.

4. O MOVIMENTO NEGRO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO SISTEMA DE COTAS

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Nota – se que nos últimos anos o movimento negro tem crescido de forma exponencial, ampliando – se ainda, os debates acerca do movimento e da questão (o que é ser negro no Brasil?) pergunta respondida por Munanga durante uma entrevista ao Jornal Folha de São Paulo, onde o antropólogo diz que “num país que desenvolveu o desejo do branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não.” (MUNANGA, 2004, p.52).

Conforme Sueli Carneiro (2002), os negros e negras vem ganhando maior visibilidade no que concerne a desnaturalização da democracia racial, onde há uma maior evidência na questão do racismo. O que para ela serve como meio de concessão a uma “neo – democracia racial”.

Logo, ao dar um novo significado ao conceito de raça, o movimento questiona a história brasileira. Em meados dos anos 2000, pouco se escutava falar sobre o sistema de cotas, as produções relacionadas a questão racial brasileira se pautavam nas ações afirmativas, uma das maiores reivindicações do movimento negro, portanto, se limitava a criação de programas que suprimisse a discriminação com a oferta de igualdade de condições. Alberti e Pereira (2006)

Conforme os autores citados acima (2006) as discussões sobre as cotas se deram, genuinamente, no ano de 2001 quando se preparava um relatório para a III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata³. O mesmo relata que a pauta referente as cotas foi acrescentada no último momento não ultrapassando o limite de duas linhas, no entanto, foi o item de maior destaque, ganhando centralidade nos debates. Consoante com Alberti e Pereira (2006) havia por parte do Estado uma tendência de ignorar a questão racial. Segundo Hédio Silva Júnior (2001) página:

O governo vende uma imagem externa de que aqui existe perfeita integração com a sociedade civil, passando, no plano internacional, a imagem de que dialoga e reflete

³ Documento disponível em: < http://www.unfpa.org.br/Arquivos/declaracao_durban.pdf>

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



os anseios do movimento negro. É um diálogo sem consequências, um monólogo; porque nós falamos, a diplomacia escuta, mas isso não se reflete em compromissos.

Carneiro (2002), destaca que o absorvimento da dimensão social tem se dado de forma lenta nas instituições porque o movimento negro não confabula, isto é, não se baseia na “troca de favores” em nome de objetivos estratégicos.

Assim, a educação dentro do movimento negro é entendida como um direito conquistado por quem lutou em prol da democracia, como meio para uma probabilidade a mais de crescimento social. Propondo o diálogo como ferramenta entre os diferentes indivíduos e suas atividades culturais, além da utilização dos espaços formativos como método de formação de cidadãos que venham a se posicionar contra todas as formas de discriminação. GOMES (2012). Sueli Carneiro (2002, p. 210) destaca que:

É significativo o crescimento do número de militantes negros adquirindo títulos acadêmicos, resgatando a condição do negro como sujeito do conhecimento, especialmente o conhecimento de si próprio. Passamos de objeto de estudo a sujeitos do conhecimento, fazendo com que a universidade comece a se constituir como um importante campo estratégico de atuação.

Desse modo, é importante salientar a eficiência do movimento negro nas denúncias realizadas contra a propagação da democracia racial, embora, o movimento ainda não tenha suas lutas reconhecidas, faz – se necessário, realizar o questionamento sobre as bases classicistas que constituem o movimento uma vez que:

Os brancos revisitam os seus clássicos, especialmente nos momentos de crise. As novas gerações de militantes negros sequer conhecem os nossos, pois não criamos meios de transmitir nosso patrimônio libertário. (CARNEIRO, 2002, p. 214)

Segundo Domingues (ano) as políticas públicas para negros/as tem um grande índice de rejeições por parte da classe média e elite, o que implica na intensificação das lutas em prol de

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



ações específicas acerca da população negra. Nota – se que uma das características do movimento negro consiste na busca pela conquista de seu lugar de existência, principalmente, no que concerne o compromisso para com a superação das desigualdades raciais. GOMES (2012)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do breve histórico do movimento negro e de sua trajetória até a contemporaneidade, é nítido que o/a negro/a, sempre, esteve posto numa posição inferior em virtude das crenças daqueles cujos acreditavam que eram superiores. Após a abolição da escravidão muitas coisas não mudaram, principalmente, no que se refere a marginalização do negro/a. Os desafios enfrentados são diversos e precisam ser debatidos nos espaços como modo de expansão de conhecimento. Este estudo possibilitou o entendimento das Cotas Raciais e da sua importância como uma medida de emergência para a superação das desigualdades raciais que se põe de forma cada vez mais gritante na sociedade como ramificação de vários fatores. Finalizo este artigo com a colocação de Sueli Carneiro (2002, p. 2015) a respeito do povo negro:

A construção de estratégias coletivas de luta é produto de organização política, de liderança reconhecida e legitimada. Nossa responsabilidade histórica é responder aos desafios que estão colocados, através de uma expressão política que represente os anseios do povo negro desse país. Este é um desafio político fundamental para a militância negra no presente.

Faz – se necessário, portanto, assumir uma postura de luta coletiva, lançar mão de uma luta individual para que se possa fortalecer o movimento e evitar o crescimento da evasão de militantes dos espaços atuais. É imprescindível ainda que haja um posicionamento que vise pressionar o Estado e a sociedade com vistas a viabilização de direitos políticos e econômicos a população negra.

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo. A Defesa das Cotas como Estratégia Política do Movimento Negro Contemporâneo. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 37, janeiro-junho de 2006. p. 143-166. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2249/1388>> Acesso em: 09 jun 2018.

CARNEIRO, Sueli. Movimento Negro no Brasil: novos e velhos desafios. **Caderno CRH**. Salvador, n. 36, p. 209-215, jan./jun. 2002. Disponível em: <<https://rigs.ufba.br/index.php/crh/article/download/18633/12007>> Acesso em: 10 jun 2018.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos. **Dimensões: Revista de História da UFES**. Espírito Santo, n.21. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/index>> Acesso em 15 jun 2018.

_____. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. São Paulo, 2006. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n13a07> Acesso em: 15 jun 2018.

GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro e Educação: resignificando e politizando a raça. **Educação Social**. Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul-set, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/05.pdf>> Acesso em: 09 jun 2018.

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



MUNANGA, Kabengele. A Difícil Tarefa de Definir quem é Negro no Brasil. **Estud. Av.** vol.18 no.50 São Paulo Jan./Abr. 2004. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100005> Acesso em: 21 jun 2018.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro:** o processo de um racismo mascarado. 1 reimpr. da 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SARAIVA, José Flávio Sombra. **A Ambivalência de uma Cultura:** O Negro no Brasil em uma Perspectiva Histórica. Brasília. Disponível em: <
<http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5714/4720>> Acesso em: 17 jun 2018.